

TRADUTOR – EM BUSCA DE NOVOS RUMOS

Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto
jorgemcapinho@mail.telepac.pt

Resumo: Neste texto procura-se fazer uma descrição, tão simplificada quanto possível, do panorama global actual da área dos Estudos de Tradução, apontando os caminhos até agora seguidos, mas também as perspectivas externas que têm incidido sobre estas matérias. Assim, apresenta-se um conjunto de idéias comuns ao público em geral, mas também um conjunto de conceitos essenciais ao que é fazer-se tradução. Além disso, desdobram-se as possíveis abordagens e perspectivas de enquadramento no mercado de trabalho para os estudantes e profissionais desta área.

Palavras-chave: formação de tradutores, estudos de tradução, tradutor, áreas de intervenção, profissionais da tradução, especialização.

Abstract: This paper tries to describe, as simply as possible, the current global area of Translation Studies, showing the directions followed until now, but it also discusses some of the external perspectives that have focused on these matters. Thus, a set of common ideas known to the general public, but also a set of essential notions to what is translation are presented. Furthermore, all the possible approaches and framework perspectives within the work market for students and professionals of this area are also presented in the paper.

Keywords: translation course, translation studies, translator, translation professionals, specialization.

1. Breve história dos Estudos de Tradução

Ao longo da história, a tradução escrita e oral tem desempenhado um papel importantíssimo na comunicação entre as pessoas, desde

logo pela forma como proporcionou a académicos e a religiosos o acesso a textos importantes, mas também na prática diária de inúmeras actividades, como o comércio ou até o ensino das mais diversas matérias. A prática da tradução já era analisada por Cícero e Horácio (séc. I a. C.) e por S. Jerónimo (séc. IV d. C.). No caso de S. Jerónimo, a sua abordagem à tradução da Bíblia, do Grego para o Latim, viria a afectar profundamente traduções posteriores das Escrituras. Na verdade, a tradução do texto bíblico viria a ser – durante mais de mil anos, e especialmente durante a época da Reforma, no século XVI – um espaço privilegiado do conflito de ideologias na Europa Ocidental.

Apesar da prática há muito estabelecida, o estudo desta área como disciplina académica só viria a conhecer algum aprofundamento durante a segunda metade do século XX. Antes disso, a tradução era considerada apenas uma componente da aprendizagem das línguas, estando incluída nos cursos de línguas modernas. De facto, desde finais do século XVIII até à década de 1960, a aprendizagem das línguas nas escolas secundárias de muitos países era dominada pelo que era conhecido como o método de gramática-tradução. Este método, primeiramente aplicado ao Latim e ao Grego clássicos, e que depois viria a ser usado no ensino das línguas, centrava-se no estudo das regras e estruturas gramaticais da língua estrangeira. Estas regras eram praticadas e testadas através da tradução de orações normalmente desligadas da realidade e artificialmente construídas, e que exemplificavam as estruturas a estudar, tal como ainda é feito em alguns países e em determinados contextos.

A ligação ao ensino das línguas talvez explique o motivo por que as diversas academias encararam a tradução de um modo inferior. Os exercícios de tradução serviam para aprender uma nova língua ou para ler um texto em língua estrangeira até se adquirir a capacidade linguística para ler o original. Depois de se conhecer a língua, já nem sequer se considerava necessária a apreciação da tradução. Mas este método começou a enfrentar alguns problemas, particularmente nos países de língua inglesa, com a ascensão do

método directo ou de uma abordagem mais comunicativa no ensino da língua inglesa e que se viria a desenvolver durante as décadas de 1960 e 1970. Esta nova abordagem salientava a capacidade natural dos alunos para aprenderem línguas e tentava replicar nas salas de aula, em condições de aprendizagem, situações reais. Na medida em que dava mais preferência às formas orais do que às formas escritas, pelo menos inicialmente, este método serviu para anular quase totalmente o uso da língua materna e, portanto, provocou o abandono gradual da tradução. No que se refere ao estudo da tradução, o seu ensino começou então a restringir-se à educação superior, aos cursos de línguas universitários e à formação profissional de tradutores.

Nos Estados Unidos, a tradução – especialmente a literária – passou a ser promovida nas universidades, durante a década de 1960, através do conceito dos *workshops* de tradução – baseados em *workshops* de leitura, em abordagens práticas de crítica literária iniciadas na década de 1920 e em outros *workshops* de escrita criativa. Estes *workshops* de tradução surgiram primeiro nas Universidades de Iowa e Princeton e pretendiam ser uma espécie de plataforma para a introdução de novas traduções na cultura de chegada e para a discussão de princípios mais requintados no processo de tradução e de compreensão de um texto. Paralelamente a esta abordagem, surgiram novas disciplinas, como a literatura comparada, em que a literatura era estudada e comparada a nível transnacional e transcultural sendo, portanto, necessário proceder à leitura de alguma literatura traduzida, ou a análise contrastiva (estudo de duas línguas em contraste para tentar identificar diferenças gerais e específicas entre elas, esta disciplina desenvolveu-se como uma área de investigação sistemática, nos EUA, a partir da década de 1930, e para o público em geral, entre 1960 e 1970). As traduções e exemplos traduzidos proporcionavam grande parte dos dados usados nestes estudos.

A abordagem contrastiva influenciou grandemente diversos estudos, como os de Vinay e Darbelnet (1958) e Catford (1965),

que permitiram a progressão da investigação sobre a tradução. A aplicação continuada de uma abordagem linguística em geral e de modelos linguísticos específicos como a gramática generativa ou funcional demonstraram então que havia uma ligação intrínseca fundamental entre a linguística e a tradução. Apesar de em algumas universidades a tradução continuar a ser estudada como um módulo nos cursos de linguística aplicada, a evolução dos Estudos de Tradução apontou então para os seus próprios modelos sistemáticos, incorporando outros modelos linguísticos e desenvolvendo-os para os seus próprios objectivos. Além disso, tornou-se notório o seu afastamento do ensino e da aprendizagem das línguas. Pelo que, hoje em dia, estuda-se especificamente o que acontece em torno da tradução e do acto de traduzir.

Como já se disse, o estudo desta disciplina só se viria a fazer com maior seriedade e aprofundamento ao longo dos últimos 50 anos. James S. Holmes, um académico norte-americano, utilizou, em 1972, a designação que esta área viria a adoptar como definitiva – Estudos de Tradução – dizendo que ela se dedicava ao complexo de problemas que rodeavam o fenómeno da tradução e das traduções (Holmes 1988/2000). Em 1988, uma outra académica, Mary Snell-Hornby afirmou que era obrigatório que os estudos de tradução fossem vistos como uma disciplina independente (Snell-Hornby 1988). E, em 1997, a Professora Mona Baker, pronunciou-se efusivamente sobre a riqueza desta nova disciplina, dizendo que era “porventura a disciplina da década de 1990” (Baker 1997: xiii) que reunia mais académicos de muitas das disciplinas mais tradicionais. No início do séc. XXI, os Estudos de Tradução são uma disciplina que continua em processo de desenvolvimento acelerado em todo o mundo. E para isso, duas formas de afirmação têm sido preponderantes:

- Por um lado, a proliferação de cursos de tradução especializada e de interpretação ao nível das graduações e pós-graduações: em 1995, foram listadas em todo o mundo

pelo menos 250 instituições de nível universitário, em mais de 60 países, que concediam graduações em cursos com pelo menos quatro anos de frequência. Visavam sobretudo formar tradutores e intérpretes comerciais e eram qualificações altamente conceituadas. Havia ainda muitos outros cursos dedicados especificamente aos tradutores literários.

- Por outro lado, a proliferação de conferências, livros e jornais dedicados à tradução em muitas línguas (com editoras conceituadas como a John Benjamins, a Multilingual Matters, a Rodopi, a Routledge, a St. Jerome, o *The Linguist* do Institute of Linguists, o *The ITI Bulletin* do Institute for Translating and Interpreting, o *In Other Words*, da Translator's Association, o *The Translator*, etc., e também em Portugal com informações frequentes prestadas por APT – Associação Portuguesa de Tradutores, AstraFLUP – Associação de Tradução da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, APET – Associação Portuguesa de Empresas de Tradução, APROFIC – Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, AIIC – Associação Internacional de Intérpretes de Conferência, etc.).

O facto de estes eventos, informações e cursos tentarem focalizar as suas atenções sobre temas cada vez mais específicos é sintomático da riqueza e abundância das actividades desenvolvidas, mas também da proliferação multidisciplinar desta área. Porém, é curioso verificar o relativo desconhecimento público do que é a tradução e de qual é o papel dos tradutores nesta nossa sociedade actual.

2. O Conceito de Tradução

Para o público, em geral, o conceito de *tradução* é normalmente visto sob três ângulos relativamente diferentes, sendo considerado:

uma área disciplinar – Estudos de Tradução; um processo – o acto de produção de uma tradução; um produto – o texto traduzido resultante do processo de tradução.

Sendo qualificações comuns, é, no entanto, conveniente especificar claramente a real funcionalidade e aplicação dos termos usados. Quanto ao *processo de tradução* entre duas línguas escritas diferentes, deve dizer-se que ele envolve a alteração, por parte do tradutor, de um texto original (Texto de Partida) escrito na língua original (Língua de Partida) para um texto traduzido (Texto de Chegada) numa língua diferente (Língua de Chegada). Este tipo de tradução corresponde à “Tradução interlingual” tal como foi definida pelo estruturalista checo Roman Jakobson (Jakobson; 1959/2000: 114), e integra-se na sua lista de três categorias de tradução:

- A Tradução intralingual, que corresponde à interpretação de signos verbais por meio de outros signos na mesma língua (por exemplo, quando se refaz uma expressão ou texto na mesma língua, para explicar ou clarificar algo que se possa ter dito ou escrito);
- A Tradução interlingual, que corresponde à interpretação dos signos verbais por meio de uma outra língua (objecto de estudo e trabalho da área dos Estudos de Tradução);
- E a Tradução intersemiótica, que corresponde à interpretação dos signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais (por exemplo, quando um texto escrito é traduzido por música, filme ou pintura).

Por outro lado, enquanto *processo*, a tradução não pode ser confundida com os conceitos de:

- Adaptação – Que é um conjunto de operações de transposição que permitem a produção de um texto, que não é aceite como

uma tradução, mas que é, apesar de tudo, reconhecido como representativo de um TP aproximadamente com a mesma dimensão. Deste modo, a adaptação poderá, igualmente, ser encarada como imitação, reescrita, etc., sendo menos restrita e condicionada do que a tradução.

- Equivalência – Que, apesar de central para os Estudos de Tradução é uma noção extremamente controversa, já que há teóricos que definem a tradução em termos de relações de equivalência, ao passo que outros a rejeitam afirmando que ela é irrelevante ou prejudicial aos Estudos de Tradução, sendo normalmente definida como a relação entre um TP e um TC que permite ao TC ser considerado como uma tradução do TP.
- Imitação – Que significa efectivamente cópia, ou *mimesis*, mas que, curiosamente, é um conceito usado na Teoria da Tradução para descrever uma tradução livre, em que o trabalho desenvolvido se afasta totalmente daquele que fora produzido pelo autor original, distanciando-se bastante das palavras e do sentido presentes no texto original.

Numa perspectiva relativamente simplificada, define-se tradução simplesmente como a descodificação de mensagens transmitidas numa língua e a respectiva recodificação numa outra língua. O *produto* resultante desta recodificação designa-se, por vezes, de tradução. Ou seja, esta designação de produto identifica o resultado final do trabalho produzido por um (ou mais) tradutores / descodificadores-recodificadores, que são, afinal, os produtores determinantes neste processo de reconstrução das mensagens na LC.

3. A Figura do Tradutor

A figura do tradutor tem recebido qualificações e descrições variadas. Invocam-se quase sempre qualidades fundamentais para a sua personalidade e capacidade, e traça-se quase sempre um perfil ideal do candidato a tradutor/intérprete, nomeadamente a necessidade de que tenha: curiosidade intelectual; interesse vivo pelas coisas que o rodeiam; capacidade para ver e ouvir, retendo em memória essas vivências e informações; interesse pelo Homem, pelo seu modo de agir e respectiva cultura; disponibilidade para a contínua (in)formação e valorização pessoais; gosto pela recepção e produção de textos.

É, de facto, reconhecido que um candidato a tradutor/intérprete deverá ter, para além das características anteriormente mencionadas, um domínio perfeito da LC e da LP, às quais deverá acrescentar uma sólida cultura geral e um conhecimento aprofundado do mundo moderno. Talvez a perspectiva mais interessante das qualidades indispensáveis ao bom tradutor seja a enunciada por Lanna Castellano,

A nossa profissão baseia-se em conhecimentos e experiência. Tem a aprendizagem mais longa de todas as profissões. Antes dos trinta anos não se começa a ser Tradutor útil e antes dos cinquenta não se começa a ficar melhor.

A primeira fase da pirâmide profissional – a fase do aprendizado – é a altura de nos dedicarmos a investir em nós próprios através da aquisição do conhecimento e da experiência da vida. Deixem-me propor-lhes um caminho para a vida de Tradutor; arranjam avós de nacionalidades diferentes, uma boa formação escolar mediante a qual aprendam a ler, a escrever de forma ortograficamente correcta, a interpretar e a amar a vossa língua materna. A seguir vagueiem pelo mundo, façam amigos, observem a vida. Voltem à escola, mas para tirar um curso técnico ou comercial e não um curso de línguas. Passem os últimos anos da vossa terceira década de vida e os

primeiros da quarta em países cujas línguas falem para trabalharem na indústria e no comércio, mas não directamente em línguas. Nunca casem com pessoas da vossa própria nacionalidade. Não tenham filhos. Regressem depois à escola para um curso de pós-graduação em Tradução. Arranjem um emprego permanente como Tradutores e depois passem a Tradutores em regime livre. Por essa altura terão quarenta anos e estarão prontos para começar. (Torre 1996: 39)

Tomando como correcta esta curiosa e perspicaz perspectiva – e parece-me que há muito de acertado no que Lanna Castellano afirmou – deve-se então recorrer à formação, pelo menos inicialmente, em escolas especializadas para o efeito, ainda que seja indispensável complementar tal formação, e numa fase já mais avançada, com uma “formação prática no terreno.” Para tanto, será necessário investir não só nessa formação pessoal e individual ao longo do percurso académico, mas também fazer a escolha acertada dos centros de formação mais adequados, ou pelo menos dos mais especializados nesta área de estudos.

Numa escola especializada no ensino da tradução, como por exemplo o *Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes – ISAI*, a ênfase na aquisição de competências no domínio da tradução prática, exercitada sobre textos das mais diversas tipologias, é dominante na formação adquirida, em especial ao nível da licenciatura, quer na sua estrutura curricular, quer na orientação geral articulada nas diferentes áreas dessa estrutura. Essa ênfase não é, contudo, exclusiva: os estudantes de um curso deste teor têm de obter o apetrechamento teórico necessário à sua própria consciencialização, enquanto futuros profissionais, dos fundamentos para as estratégias e (consequentemente) para as opções que o exercício da sua competência prática exige. Procura-se que um diplomado em Tradução e Interpretação seja detentor de uma formação linguística superior e não exclusivamente determinada pelas exigências (aliás, elevadas) da competência translatória.

A orientação para um domínio aprofundado das competências em línguas vivas é representativa, de resto, de uma preocupação mais ampla, como seja dotar os estudantes de conhecimentos que não se limitem ao requerido pelo desempenho profissional para que um curso mais directamente aponta – uma vez que o mercado de trabalho exige, cada vez mais, competências variadas e flexíveis. Assim, procura-se inserir essa flexibilidade no perfil dos diplomados e tenta-se alcançar o alargamento das referências intelectuais dos estudantes. Cumprem-se, deste modo, dois propósitos: o primeiro (mais específico), o de capacitar os estudantes da inevitável radicação cultural de qualquer uso da(s) língua(s), e consequentemente de qualquer iniciativa translatória; o segundo (mais genérico, mas não menos importante) o de contribuir para que um diplomado seja intelectualmente versátil, potencialmente disponível para o cumprimento de funções diversas, se o mercado de trabalho assim o exigir. Apesar disso, e por se reconhecer que actualmente a formação técnica dos tradutores ganha cada vez mais adeptos e é mesmo obrigatória, forçando-os a envolverem-se em áreas de conhecimento especializadas e a acumularem saberes técnicos muito mais específicos, procura-se enfatizar a formação não só em domínios técnicos, mas também em competências profissionais especializadas como as da Interpretação ou, mais recentemente, da Tradução para Legendagem.

Na verdade, o aparecimento de alguns fenómenos de tendência crescente, como por exemplo a *localização* – que é um processo distinto da tradução convencional na medida em que se procede a uma considerável adaptação do conteúdo do produto (e não somente do respectivo texto!) ao mercado regional onde deverá ser comercializado. A localização implica a gestão de projectos de alguma envergadura em que os materiais traduzidos implicam até mesmo a implementação de alterações das características de funcionamento originais do produto em causa. Um bom exemplo disso é o que se verifica com os pacotes de *software* actuais, completamente adaptados e modificados para servirem cada

mercado específico. Além disso, as normas de gestão da qualidade do produto final não se compadecem com arcaicas definições académicas de avaliação da tradução, nem mesmo com conceitos de fluidez e de simples correcção sintáctica do texto (ainda que tais factores possam ser devidamente considerados!), mas antes com o respeito pela aplicação de normas de qualidade inteiramente determinadas pelo cliente em termos linguísticos, técnicos e até mesmo administrativos. A localização implica um aperfeiçoamento dos processos de aquisição e aplicação de conhecimentos e reflecte a necessidade emergente de especialização a que os profissionais desta área estão constantemente sujeitos e a que, saliente-se, dão o devido relevo. E tal facto é anualmente constatado quando verificamos que ao longo dos respectivos percursos individuais de formação os ex-estudantes, actuais profissionais, recorrem com frequência à instituição formadora para aí recuperarem, melhorarem ou acrescentarem conhecimentos aos já adquiridos. É esta noção que convém também referir em relação à generalidade dos tradutores, essa capacidade e disponibilidade intelectual para a formação contínua e especializada, e a eterna predisposição para enfrentarem novos desafios e adquirirem novos saberes.

3.1. Diferentes áreas de intervenção do Tradutor

A designação de “Tradutor” não se esgota, contudo, nos papéis tradicionais normalmente adstritos à tradução de textos, em especial de cariz literário. De facto, a vasta área de intervenção dos Estudos de Tradução contempla actualmente uma grande variedade de actividades cuja formação de base tem como ponto de partida o excelente conhecimento das línguas em confronto e a formação específica no domínio especializado de actuação. Com efeito, podem ver-se, hoje em dia, os Tradutores a desenvolver a sua actividade em inúmeras áreas, nomeadamente,

- Tradução “Literária”/Escrita – De vários tipos e desenvolvida em vários contextos, a designação de Tradução Literária

convida e serve tantas vezes de chamariz aos candidatos a tradutores. Todavia, deverá ser devidamente clarificada esta classificação já que, na prática, corresponde a duas grandes áreas de intervenção,

- ◆ Tradução para Edição – É o tipo de trabalho em que o Tradutor normalmente exerce a sua profissão a tempo parcial, ainda que o possa fazer a tempo inteiro, para uma casa editora que edita o trabalho produzido. Com contratos determinados pelos editores e em função de prazos limitados para a conclusão dos projectos, o tradutor trabalha a preços pouco convidativos, mas tem o atractivo de ver o seu nome divulgado no livro que traduz.
 - Revisão de Edição – Trabalho de verificação dos textos a editar, em funções complementares às do trabalho iniciado pelo Autor/Tradutor. O Revisor procede à leitura, verificação e correcção do texto produzido, servindo como verificador e aferidor do texto a editar.
- ◆ Tradução Técnica – Este tipo de tradução especializada em determinadas áreas técnicas, implica trabalhos em situações muito diversas e em ambientes muito díspares, podendo significar que o tradutor desenvolve a sua actividade a tempo inteiro ou a tempo parcial. Apesar de melhor remunerada, não é tão reconhecida e, muito frequentemente, significa um trabalho sem contratos definidos, com prazos ainda mais curtos para a apresentação dos trabalhos concluídos. Quando desenvolvida no âmbito das empresas, esta actividade é muitas vezes cumulativamente associada a outras actividades, como a assessoria da administração ou o secretariado.

- Revisão Técnica – Trabalho de verificação dos textos técnicos, em funções complementares às do trabalho iniciado por um Autor/Tradutor, mas em que o Revisor Técnico para além da leitura e verificação do texto, deverá acrescentar o seu saber técnico para produzir um texto tecnicamente, e por vezes terminologicamente, mais rigoroso.
- Terminologia – Também normalmente associada ao trabalho de Tradução escrita, a Terminologia e os técnicos a ela dedicados, os terminólogos, identificam, isolam e descrevem unidades terminológicas, de uma forma estática, sem terem de prestar atenção a colocações casuais e temporárias dos conceitos, tal como estes surgem numa situação particular criada por um autor. Além disso, o seu trabalho analítico procura descrever os resultados dessa análise sob uma forma de texto muito peculiar, em glossários ou dicionários. Os terminólogos têm conquistado um espaço de intervenção muito especializado, naturalmente mais ligado à área dos Estudos Linguísticos. Do ponto de vista da Tradução, as aplicações mais importantes da Terminologia situam-se ao nível de:
 - ◆ Representação terminológica em sistemas automáticos
 - ◆ Estruturação dos termos em áreas temáticas especializadas
 - ◆ Criação de termos e
 - ◆ Normalização terminológica com elaboração de entradas para Glossários e Dicionários.

Apesar da diferença de funções e modos de actuação, refira-se que os tradutores têm de possuir algumas noções do que é a terminologia e as suas aplicações, especialmente quando enfrentam situações de decisão relativas à opção certa entre formas de expressão alternativas, ou para a criação de um neologismo ou de uma paráfrase. Por outro lado, são muitas vezes atraídos para o

desenvolvimento de projectos nesta área para a qual terão recebido formação e em que se deverão sentir à vontade.

- Tradução para cinema, televisão, etc. – Ainda que normalmente seja considerado um tipo de Tradução Escrita, a tradução “para o ecrã” tem vindo a conquistar um espaço próprio, até como resultado directo do poder mediático a que está técnica e naturalmente associada. A legendagem é o processo mais conhecido deste tipo de tradução e significa colocar um texto escrito no ecrã/monitor/tela em que é transmitido o programa/filme/documentário/etc. Quanto à dobragem, ela está também englobada nesta categoria, dadas as suas características muito próximas em termos de meio de divulgação e até de proveniência do texto a traduzir. Ainda que a maioria das pessoas ligue este tipo de tradução apenas à legendagem tradicional, existem actualmente inúmeros modos de aplicação da tradução “para ecrã”, nomeadamente,
 - ◆ Legendagem Interlingual – É o processo mais habitual, e consta do seguinte: a partir de um diálogo oral numa LP passa-se a informação fornecida, através de uma a duas linhas escritas e inscritas no ecrã, para a LC, de modo a que o espectador as possa ler. Este tipo de trabalho pode ser efectuado por uma só pessoa – tradutor-legendador – ou por duas – tradutor e, posteriormente, legendador/insersor de caracteres.
 - ◆ Legendagem Intralingual – Usada especialmente para os deficientes auditivos, ou, por vezes, para que os emigrantes possam melhorar o seu domínio de determinada língua.
 - ◆ Legendagem real/em directo – Semelhante à anterior, mas usada no caso de entrevistas (Exemplo, Bill Clinton no Supremo Tribunal dos EUA, em 1998).

- ◆ Dobragem – Apesar de ser uma transmissão oral das informações recebidas, interpretadas e traduzidas, por dobragem entende-se a substituição do discurso original por um discurso que deverá tentar seguir de uma forma tão próxima quanto possível, os tempos, a expressão e o movimento labial do diálogo original, isto é, deverá tentar atingir mesmo a sincronização labial. É normalmente precedida de um processo de tradução para legendagem ou mesmo de um procedimento de adaptação. Por vezes, este conjunto de procedimentos é usado para algumas aplicações específicas:
 - Interpretação consecutiva – Usada para as transmissões em directo, na rádio, por exemplo, quando uma personalidade é entrevistada. Nestes casos, a situação é pré-gravada e posteriormente dobrada para ser ouvida pelos espectadores/ouvintes.
 - Interpretação simultânea – Usada, por exemplo, durante um debate num estúdio, mais uma vez numa situação pré-gravada.]
 - Voice-over ou “semi-dobragem” – Programas em que a tradução/adaptação é traduzida/adaptada e transmitida por um jornalista e/ou actor.
 - nova audiência, com acrescentos, omissões e comentários. A sincronização é feita sobre um programa pré-gravado, mais uma vez, em função das imagens e não tanto da banda sonora. Muito usado em programas infantis, documentários e vídeos de empresas.
 - Legendagem para teatro – Legendas colocadas sobre o palco de um teatro e apresentadas de forma

contínua, de modo a esclarecer o que é dito no palco por actores que falam uma língua estrangeira.

- Legendagem Simultânea ou “à vista” – Legendas criadas a partir de um guião ou de uma outra legendagem pré-existente numa língua estrangeira ou a partir de uma lista de diálogos (muito comum em festivais de cinema).
- Descrição de Áudio – É uma espécie de dobragem dupla para os cegos, em que se procede a uma descrição do que acontece no ecrã, numa espécie de acrescento à banda sonora e respectiva dobragem do diálogo. Semelhante ao que é feito em termos de acompanhamento com informações orais quando se acompanha um cego a ver uma peça de teatro.

Com as actuais técnicas digitais de produção e distribuição, essencialmente ao nível do DVD (Digital Versatile Disc), convirá acrescentar que se multiplicam enormemente as possibilidades de surgirem num só CD diversas línguas – e consequentes legendas – e também versões duplas – com dobragens sincronizadas para diversos países. Mas também se diversificam as situações em que são criadas e distribuídas versões em *remake* do original – com as consequentes adaptações a ideologias, convenções narrativas e até valores da mais diversa ordem na LC (por exemplo, a versão actualizada das bailarinas no filme *A Guerra das Estrelas*, de 1977 – que foram emagrecidas para melhor agradarem aos padrões sociais actuais!).

- Interpretação – Distinta da Tradução escrita, a Interpretação é, todavia, também exercida em vários contextos, com funções diversificadas e já altamente especializadas, como o provam as formações dedicadas a cada uma das suas diversas vertentes, nomeadamente,

- ◆ Tradução Consecutiva – Em que o intérprete ouve um segmento de discurso durante alguns minutos, toma notas e depois transmite as informações recebidas de todo o segmento na LC. De seguida, o orador reinicia a sua intervenção que prossegue novamente durante alguns minutos, seguido pelo intérprete e assim sucessivamente (muito comum em situações de conferência de imprensa).
- ◆ Tradução de Acompanhamento – Praticada em situações “de acompanhamento”, normalmente ao lado de uma outra pessoa, quando é necessário fornecer informações permanentes ao indivíduo que é acompanhado (situação normal das secretárias/ assistentes de direcção em feiras comerciais ou visitas guiadas).
- ◆ Interpretação de Conferência / Tradução Simultânea – Nascida com os Julgamentos de Nuremberga e Tóquio, este tipo de Interpretação é internacionalmente usada por intérpretes que se sentam numa cabina de interpretação, ouvem um orador através dos auscultadores e interpretam o discurso pronunciado, transmitindo de seguida a sua versão para um microfone, que divulgará as informações prestadas para todos os eventuais interessados presentes na sala, que a ouvem através de aparelhos individuais (muito comum em sessões plenárias, nomeadamente de instituições internacionais).

De realçar, no caso desta competência específica, não só a importância dos conhecimentos linguísticos dos candidatos, mas também o seu espírito analítico e intuitivo, a sua capacidade de concentração, a sua resistência física e psicológica a situações de extrema tensão, a excelente memória que é necessário terem, as suas capacidades ao nível da dicção, e eventualmente até mesmo

ao nível da oratória, a sua probidade intelectual e o tacto e a diplomacia que deverão ser capazes de demonstrar em situações por vezes mais complicadas.

4. Conclusões

Depois desta longa descrição do panorama actual da tradução, refira-se que o que todas estas designações de funções/profissões representam, em termos reais, é a crescente impossibilidade de distinção das tradicionais fronteiras da Tradução. Apesar de uma formação de base muito semelhante, em que se parte, eventualmente, de métodos de trabalho e de investigação semelhantes e inerentes à formação de tradutores, torna-se cada vez mais necessário identificar a capacidade de intervenção de cada uma das inúmeras profissões ligadas à Tradução. Com efeito, o carácter cada vez mais específico de algumas aplicações práticas dos Estudos de Tradução implica a necessidade de uma formação cada vez mais especializada e adequada aos objectivos que se pretendem alcançar. Daí a necessidade de se fornecer aos profissionais e candidatos a profissionais desta área uma conjugação de saberes proporcionais e adequados ao exercício das suas funções. Até porque as suas necessidades não se compadecem já com oportunidades em que a formação seja obtida apenas *a posteriori*.

É, portanto, inevitável que se encarem cada vez mais os Estudos de Tradução como uma área disciplinar individualizada, mas situada numa encruzilhada de diversas outras áreas disciplinares e para a qual se poderão e deverão tentar desenvolver características interdisciplinares. A intervenção directa em inúmeras áreas temáticas poderá concorrer para o enfraquecimento e absorção dos Estudos de Tradução por outras áreas mais fortes e já consagradas. Mas, e por outro lado, a aproximação a disciplinas cujo âmbito de actuação é bem diverso, como a Medicina, o Direito ou a Economia, poderá trazer benefícios, directos ou indirectos,

resultantes dos métodos de trabalho e da experiência já adquiridos por essas mesmas disciplinas.

O que pode concluir-se, em definitivo, é que é fundamental apostar num melhor nível de especialização por parte dos tradutores, sobretudo como forma de garantia do trabalho desenvolvido e da consequente acreditação junto dos públicos receptores. Daí poderá, e deverá, advir o indispensável reconhecimento que há muito é devido aos tradutores, a todos os níveis de intervenção, ainda que muito frequentemente tal reconhecimento se reflecta quase exclusivamente nas referências elogiosas aos tradutores literários.

Recordo a propósito, e como nota de encerramento, a observação que, ao *Jornal de Notícias*, em 12 de Março de 1997, fez José Saramago, Nobel da Literatura e também ele noutros tempos tradutor, a respeito da edição chinesa da tradução da sua obra *O Memorial do Convento*. Disse ele,

São os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal.

Ovar, 21 de Maio de 2005.

Bibliografia

BAKER, Mona. 1997. *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge.

HOLMES, James. S. "The Name and Nature of Translation Studies". 2000. *The Translation Studies Reader*. Venuti, Lawrence. London/New York: Routledge.

JAKOBSON, Roman. "On Linguistic Aspects of Translation". 2000. *The Translation Studies Reader*. Venuti, Lawrence. London/New York: Routledge.

MUNDAY, Jeremy. 2001. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. London/New York: Routledge.

SNELL-HORNBY, M. 1988. *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam/Philadelphia, PA: John Benjamins.

TORRE, M. Gomes. "Limites ou Não de Equivalência Deectados na Tradução Inglesa de 'A Ilustre Casa de Ramires'". 1996. *O Acto de Tradução – Actas das II Jornadas de Tradução do ISAI*. ISAI: Porto.